

Agência de rating discorda do BC quanto à dívida

JIANE CARVALHO
SÃO PAULO

A agência de classificação de risco Fitch Ratings discorda dos critérios de definição, por parte do Banco Central (BC), da dívida externa total do Brasil, incluindo setores público e privado. O governo divulgou na semana passada que, pela primeira vez na história, as reservas externas do Brasil, no valor de US\$ 188,5 bilhões, superaram a dívida externa total, de US\$ 184,5 bilhões. No entanto, lembra o diretor-executivo da Fitch, Rafael Guedes, nos dados do Banco Central faltam US\$ 46 bilhões de dívida entre companhias, que o BC opta por excluir da dívida total.

“A Fitch reconhece que uma dívida entre uma empresa aqui no Brasil e sua matriz no exterior é de melhor qualidade, mas ainda assim deveria ser incluída na dívida externa total do Brasil”, pondera o executivo. O BC, procurado pela **Gazeta Mercantil**, reconheceu que exclui este valor, mas não quis comentar o assunto.

De qualquer forma, uma even-

tual compra da mineradora anglo-suíça Xstrata pela Vale — caso o empréstimo para a aquisição seja feito no Brasil — elevará a dívida externa total do País tanto pelo critério do BC ou da Fitch. A proposta da Vale pela Xstrata chega a US\$ 89,3 bilhões, sendo que US\$ 50 bilhões já estariam contratados. Com a inclusão de um eventual empréstimo feito pela Vale no Brasil, o País deixaria rapidamente de ser um credor externo líquido.

**MUDANÇAS
PARA ALIVIAR
A DÍVIDA DE**

1,2

*trilhão de
dólares*

que já é grau de investimento. “A empresa estará mais endividada, mas por outro lado seus ativos crescerão na mesma proporção, o que não deve por si só impactar na avaliação do seu rating”, diz o diretor-executivo da Fitch. Sobre a avaliação do rating soberano do Brasil, Guedes tam-

bém não vê um impacto relevante. “Os números do momento podem piorar, mas a Fitch não olha apenas a foto da dívida, mas sim o filme como um todo, sua estrutura, a tendência de alta ou baixa etc., visão que deve continuar positiva em relação ao Brasil”, afirma Guedes.

“O fato de hoje o País ser credor externo líquido é mais simbólico do que tudo. O que conta é a trajetória declinante da dívida e outros fundamentos.” No ano passado, a Fitch Ratings concedeu um upgrade à nota da dívida externa do Brasil, de “BB” para “BB+”, colocando o País a um passo do grau de investimento. A mesma posição ocupada pelo Brasil em outras duas agências, a Moody's e a Standard & Poor's. Todas as agências têm dito recorrentemente que, para uma nova melhora na avaliação do Brasil, para o sonhado investment grade, é preciso um crescimento maior do PIB, de forma sustentável, e mudanças na dívida interna, hoje de US\$ 1,2 trilhão, e boa parte ainda de curto prazo.

GAZETA MERCANTIL

25 FEV 2008